

## **LENDO CORRESPONDÊNCIAS: O USO DA REVISTA CIDADE NOVA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES (1996-2000).**

**MARIA JOSÉ DANTAS – UFS  
RITA DE CÁCIA SANTOS SOUZA - UFBA**

A história tem uma importância existencial para a humanidade, pois é ela que nos dá a possibilidade de conhecer o nosso passado, ressignificá-lo no presente, para podermos vislumbrar o nosso futuro.

Neste sentido o estudo da História é um processo que não termina nunca, visto que o seu conhecimento é sempre provisório, há sempre novas verdades que se apresentam. Cada historiador tem a possibilidade de explicar a história a partir da sua visão de mundo, das representações que constrói acerca de uma determinada realidade.

A História se constitui em um conjunto descontínuo, pleno de desproporções e lacunas entre acontecimentos e datas, os quais são tecidos em uma narrativa que o historiador cria balanceando os aspectos do passado que considera relevantes com a disponibilidade das fontes que lhe permitem saber sobre eles. (BONTEMPI JÚNIOR, 1995, p. 14)

Nesse devir histórico, encontra-se o fenômeno educacional que se desenrola no tempo, fazendo parte da História Geral. Contudo, a História da Educação é de uma relevância incontável, pelo fato de ser a responsável por esse processo culturalmente transformador por que passou o homem nos últimos séculos, e principalmente porque, segundo Aranha (2001, p.15) é a Educação que mantém a memória de um povo e dá condição para sua sobrevivência. Por isso, dizemos que ela é uma instância mediadora que torna possível a reciprocidade entre indivíduo e sociedade.

O seguimento de construção da História da Educação foi bastante complexo e durou séculos, começando na pré-história com as sociedades tribais, onde os costumes são caracterizados pela tradição oral dos mitos e ritos e a cultura global é transmitida de maneira informal pelos adultos, atingindo todos os indivíduos, e assim prosseguiu, chegando às sociedades mais complexas, até que surge a necessidade de gerir os negócios favorecendo com isso o nascimento da escrita.

Contudo, a educação propriamente dita só veio despontar após alguns anos de maneira formal, mas logo passa a assumir um caráter intelectualista, distanciando-se da atividade concreta e destinando-se apenas às elites, o que resultou numa dicotomia, onde o trabalho intelectual versus trabalho manual ora exclui os filhos dos trabalhadores manuais, ora cria uma escola dualista com objetivos diferentes: para a elite, uma escola de formação

que pode se estender até os graus superiores, enquanto para os trabalhadores restam os rudimentos do ler e do escrever e o encaminhamento para a profissionalização.

No entanto, esses fenômenos educacionais e sociais preocupantes são difíceis de serem solucionados, principalmente por causa da falta de veracidade dos responsáveis ao tentar justificá-los, pois tornavam essas justificativas ideológicas pelo fato de escamotear os verdadeiros motivos, impedindo dessa maneira a solução dos problemas. Mas apesar de esse e de outros acontecimentos sociais serem explicados de forma natural, sabemos que eles são resultado das relações humanas, onde se destacam a hierarquia, a divisão e a dominação dos abastados sobre os desfavorecidos. Sendo por esses fatores que muitos não obtêm sucesso na escola, visto que são impulsionados a tornarem-se incompetentes graças à divisão social que distribui de forma variável os bens de que a sociedade dispõe inclusive a educação. O que significa que a desigualdade social na sua amplitude é responsável pela não universalização educacional desde os primórdios.

Na busca incessante pelo conhecimento, por exemplo, a Antiguidade Oriental é marcada pelo surgimento do Estado e da caligrafia, sendo que ambos os fatos estão interligados; essas civilizações utilizavam-se da educação tradicionalista, que oferecia regras e normas de conduta como um modelo baseado nos rígidos sistemas religiosos e morais, sem ter propriamente uma preocupação pedagógica. A princípio, a escrita era privilégio de poucos, devido ao seu caráter sagrado, mas com o tempo cresce a procura pela instrução, embora somente os filhos dos privilegiados tivessem acesso aos graus superiores, excluindo desse modo a classe dominada que não tinha direitos políticos nem trato com o saber.

Mesmo diante da luta histórica em prol de uma educação democrática e satisfatória, qualitativamente tem-se muito que melhorar, pois ainda persiste uma grande defasagem entre os países considerados subdesenvolvidos e os desenvolvidos, ou seja, universalmente a qualidade educacional ainda é um sonho.

Por outro lado, o desenvolvimento da escrita proporcionou uma nova maneira para que os indivíduos pudessem se comunicar. Esse processo tornou-se, ao longo dos séculos, cada vez mais refinado, e atualmente, na busca incansável para dar acesso à comunicação, os impressos, de maneira geral, estão presentes em nossa vida e dão sua contribuição no sentido de saciar nossa carência de informação.

Sendo a palavra escrita um instrumento eficiente para expressão e fixação da cultura e dos conhecimentos científicos e técnicos da sociedade, a leitura constitui uma das

mais importantes atividades para aquisição de saberes. Ao longo dos anos, a leitura tem se tornado um processo indispensável para a vida social. Buscar informação, na maioria das vezes quer dizer, olhar diferente sobre determinada realidade, procurar instruções para realizar denominada tarefa, conhecer histórias, documentos, tratados, etc.

Para Vilela, a relevância de estudos feitos a partir do conteúdo de revistas educacionais extrapola os limites de interesse da história da educação. Os historiadores da família, os da Igreja, do trabalho – enfim, qualquer pesquisador interessado na história da cultura pode beneficiar-se dessas informações. (2000, p. 7)

Neste sentido, observando a relevância dos impressos na sociedade e no campo educacional, esse estudo traz como objetivo analisar o uso de uma revista na prática pedagógica de professores, tentando identificar como eles procuram na sua práxis contribuir para tornar os educandos pessoas dignas e capazes.

Através da leitura das cartas de profissionais dos diferentes estados do Brasil, verificamos a maneira como utilizam o conteúdo da revista. A partir daí, construímos um quadro para a análise onde consta o nome do remetente e o seu estado, a área de atuação, a edição, o ano da publicação e o modo como a revista é utilizada.

Eleger periódicos como objeto de estudo permite que o historiador amplie suas fontes tradicionais e, assim, tenha acesso aos dispositivos discursivos que configuram determinados campos do saber. (BARREIRA, 2004, p. 402).

A Nova História Cultural vem enriquecendo as possibilidades da pesquisa em história da educação e os impressos, tais como revistas, jornais e periódicos como um todo, são fontes privilegiadas dentre os novos objetos que vão sendo incluídos nos trabalhos de historiadores. “O historiador cultural abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar.”(BURKE, 2005, p. 8)

Para esta análise sobre o uso da Revista Cidade Nova na prática pedagógica, utilizaremos como aporte teórico os conceitos de apropriação e representação do historiador francês Roger Chartier, que se dedica ao estudo da História Cultural com destaque especial para a história da leitura e dos objetos e práticas a ela relacionados. Procuraremos analisar a maneira como os educadores se apropriam das informações, que representações fazem da referida revista e a maneira como utilizam o impresso em suas atividades.

Para Chartier, “a apropriação tal como a entendemos visa a uma história social dos usos e das interpretações, relacionadas às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem” (2002, p.68). Desta forma, o processo de

apropriação nada mais é do que a maneira como cada leitor se apropria da leitura de um impresso, projetando nela as suas idéias e a sua interpretação. Com relação à representação, para Chartier “é a exibição de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa” (2002, p. 74). Quando o leitor se apropria de alguma informação veiculada em um impresso, ele constrói uma representação daquela realidade, formula uma imagem para si mesmo ou para outros. É através do processo de apropriação que o leitor constrói as representações.

## **OS IMPRESSOS NA EDUCAÇÃO**

A formação do indivíduo no ambiente escolar é um componente importante para que ele adquira novos conhecimentos e desperte para o desejo de tornar-se um sujeito ativo na sociedade. Por isso, os educadores de maneira geral, devem ser profissionais atuantes, capacitados e inseridos nesse processo de busca de informação. Isso requer uma boa formação do professor, bem como um contínuo desejo de desenvolver com empenho o trabalho, já que ele é um colaborador ativo em todo processo ensino aprendizagem.

Para entender os desafios da atividade educativa, é bom lembrar a origem latina da palavra. Etimologicamente, educação é *educatio* (reprodução, continuidade do modelo e dos valores sociais), mas é também *ducere* (levar, conduzir, guiar) e *educere* (tirar para fora, fazer sair). É portanto, um conjunto de ações que devem, ao mesmo tempo, levar o aluno a desenvolver as capacidades intelectuais, os valores, mas também a produzir e aprender conhecimentos importantes para a sua inserção no meio social em que vive. (LUCCAS, 1999, p.18)

Sabemos que a concepção de escola que prevaleceu foi muito mais *educatio* do que *educere*. Contudo, este modelo faliu diante da complexidade da vida contemporânea, instaurando-se a necessidade de renovação e de redescoberta do papel da escola.

Existem várias possibilidades de atualizações pedagógicas, a exemplo de treinamentos, planejamentos, capacitação, congressos, seminários, etc. Além destes eventos, existe também uma vasta imprensa de ensino que auxilia o professor no seu dia-a-dia.

Para CASPARD, a expressão ‘imprensa de ensino’ designa as revistas destinadas aos mestres e cuja finalidade é formar subsídios para a prática cotidiana da docência nos seus múltiplos aspectos – conteúdos das matérias, programas oficiais – além de auxiliar na regência das aulas, tanto nos aspectos didáticos quanto nos conteúdos curriculares. (VILELA, 2000, p.6)

Além destes impressos voltados exclusivamente para a educação, existem também outros que mesmo não sendo específicos, dedicam uma atenção especial a essa área. Dentre estes encontramos a Revista Cidade Nova, esse periódico vem se destacando desde 1957, por enfatizar em suas páginas artigos voltados à educação.

Cidade Nova tem bases religiosas, pois nasceu como veículo de comunicação para manter informados os membros do Movimento dos Focolares<sup>1</sup>. A princípio, esse impresso trazia apenas as notícias do Movimento e textos do Evangelho, depois começaram a ser publicadas cartas dos leitores – membros do movimento - e os artigos.

A Revista apresenta como objetivo a pretensão de contribuir na formação de homens novos. Para tanto, contempla em suas edições artigos para formação espiritual, bem como artigos relacionados à cultura, economia, esporte, política e educação.

Cidade Nova surgiu na Itália em 14 de julho de 1956 e atualmente tem 35 edições espalhadas nos cinco continentes sendo publicada em cerca de 22 línguas. Essa revista, embora não seja especificamente da linha pedagógica, tem uma atenção especial pelo campo da educação, tendo já publicado dezenas de artigos nessa área.

A edição brasileira possui uma tiragem média de 30 mil exemplares, contudo não existe uma venda avulsa da revista nas bancas de jornal. Ela trabalha com uma rede de promotores voluntários que se empenham no contato pessoal para efetivarem as assinaturas. Essas pessoas geralmente são membros ou simpatizantes do Movimento dos Focolares que reconhecem nas publicações de Cidade Nova uma expressão do Ideal que os fascinou e que eles querem levar a todos.

A linha editorial da revista se pauta na dimensão do homem na sua integralidade, por isso ela trata também de assuntos relacionados à psicologia, fotografia, cinema, literatura, cultura, arte e tem uma seção para entretenimento. Apresenta em suas seções grandes temas como a paz, a justiça, a solidariedade, a ecologia, questões internacionais e também temas ligados às realidades do Brasil: problemas sociais, reforma agrária, vida da Igreja etc. Também tem o destaque especial a formação espiritual dos leitores.(FARO, 2002)

A revista é lida por adolescentes, jovens e adultos, lavradores, empresários, políticos, profissionais liberais, juizes, donas de casa, professores, comerciantes, sacerdotes, estudantes e por membros de diversas Igrejas e religiões.

---

<sup>1</sup> Um movimento de espiritualidade nascido no âmbito católico, mas de abertura ecumênica e de diálogo inter-religioso e intercultural, está difundido em 186 países dos 5 continentes. Focolares vem do nome oficial em italiano *focolari*, que significa lareira, calor, fogo no lar.

Tem sido uma constante encontrar artigos ligados à área escolar nas páginas de Cidade Nova. Ela tem apresentado propostas e relatos de práticas pedagógicas, tanto que isso desperta a atenção de educadores que constantemente têm se manifestado através de cartas. A revista possui diversas seções, dentre elas, a “Diálogo com o leitor” onde são publicadas as cartas que os leitores, agora não só mais os membros do Movimento, mas uma diversidade de pessoas de norte a sul do Brasil escrevem para comunicar o trabalho que realizam, a maneira como utilizam a revista em suas aulas, que efeito surte etc.

Escrever cartas é uma prática antiga. Existem vários tipos de cartas, mas um conceito muito usual é que ela pode ser definida na maioria das vezes como um diálogo entre amigos. Contudo, para Demétrio apud Tin “a carta deve ser algo mais elaborada que o diálogo, pois, enquanto o diálogo imita alguém que improvisa, a carta, de outra forma, é escrita e enviada a alguém, como se fosse um presente.”(2005, p.19)

Os leitores da revista Cidade Nova escrevem para a redação justamente por que se sentem presenteados com o conteúdo da revista e não apenas por isso. Eles entendem que não devem ficar com essa alegria só para eles, mas querem comunicar também às outras pessoas. Querem dizer como conseguiram fazer determinado trabalho em sala de aula, responder a uma prova, adquirir um conteúdo novo, etc.

Uma epístola ou carta, então, é o adequado arranjo das palavras assim colocadas para expressar o sentido pretendido por seu remetente. Ou, em outras palavras, uma carta é um discurso composto de partes ao mesmo tempo distintas e coerentes, significando plenamente os sentimentos de seu remetente. (BOLONHA apud TIN, 2005, p. 83)

Descreveremos a seguir algumas cartas escritas por professores e publicadas na seção “Diálogo com o leitor.” Procuramos verificar especificamente a maneira como a revista é utilizada por estes educadores e qual a contribuição na prática pedagógica.

#### QUADRO I - CARTAS DE PROFESSORES

NOME DO REMETENTE	ÁREA DE ATUAÇÃO	EDIÇÃO/ANO DE PUBLICAÇÃO	MODO DE UTILIZAÇÃO DA REVISTA
Eugênia – Belo Horizonte (MG)	Professora e presidente da associação de negros de Belo Horizonte	Revista Cidade Nova, ano XXXVIII, nº. 3, p. 5, março de 1996.	(...) comecei a usar a revista Cidade Nova nas reflexões com o grupo da Associação. Surgiu um novo interesse nas pessoas. A aprovação foi tamanha que a cada encontro outras pessoas vinham, gostavam e tornavam-se novos membros. Hoje o grupo tem mais de sessenta participantes semanais.(...) Particpei também de um curso na

			<p>universidade, em que um dos temas era Zumbi, só que com uma visão totalmente deturpada. Para minha surpresa, ao chegar à casa encontrei a revista (CN 11/95) e vi justamente o artigo “Palmares, uma história que continua”. Tomada de alegria, no outro dia levei a revista para o curso (do qual participavam advogados, pedagogos, políticos, etc.) e convenci o professor a ler para a classe. Todos ficaram muito interessados e pediram uma cópia da matéria. Não encontro palavras para agradecer a esta revista, simplesmente “maravilhosa”. Não há dúvidas de que ela faz parte de um projeto divino. Hoje, tornei-me uma promotora de assinaturas, por minha conta.</p>
<p>José Wilson N. Fernandes – Belém (PA)</p>	<p>Professor do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Pará (UFPA)</p>	<p>Revista Cidade Nova, ano XLIV, nº. 11, p. 5, novembro de 2002.</p>	<p>Nas disciplinas que leciono, a maioria de conteúdo técnico, busco desenvolver debates sobre a realidade do Brasil, seus problemas e soluções. Neste sentido, a revista Cidade Nova tem apresentado excelentes matérias. Na edição nº 9 (setembro de 2002), foi publicada matéria com título “Contabilidade, números e comunhão”, que apresentou relação direta com o nosso curso. Distribuimos cópias da matéria aos nossos alunos e desenvolvemos debate sobre a formação ética e cristã do contador.</p>
<p>Maria Ercília - Volta Redonda (RJ)</p>	<p>Atividade em assessoria de comunicação, trabalho em escolas católicas, através do Serviço de Orientação Religiosa.</p>	<p>Revista Cidade Nova, ano XXXIX, nº. 8, p. 5, agosto de 1997.</p>	<p>As excelentes historinhas do Pepê e Jotabê, transportam-nos para momentos ternos de reflexão acerca de nosso relacionamento com Deus, com os irmãos, com a natureza.(...) Essas historinhas têm sido muito úteis: em dinâmicas para falar de certos temas com os alunos, nos momentos de oração, nos conselhos de Classe ou reuniões com os professores... E a “clientela” gosta muito</p>
<p>Rita Aguiar – Igarapé-Mirim (PA).</p>	<p>Leciono Língua Portuguesa e Técnicas de Redação no Primeiro Grau (Sexta e oitava séries) e Língua Portuguesa e Literatura no Segundo Grau.</p>	<p>Revista Cidade Nova, ano XL, nº. 6, p. 4-5, Junho de 1998.</p>	<p>Os alunos, em contato com a revista, escolhem os artigos para lerem, meditarem, discutirem entre si, e depois transmitem à turma o que leram, finalizando com suas opiniões oral e escrita. Este é o terceiro ano em que trabalho com a revista. Com isso, os alunos estão adquirindo o hábito da leitura; estão, também, aprendendo a se expressarem oralmente e na escrita e, principalmente, estão tendo acesso a um meio de comunicação que transmite mensagens e experiências positivas. (...) Os alunos, ao exporem o que lêem nas revistas, transmitem coisas belas e passam</p>

			a acreditar que no mundo não há somente o negativo, mas que o Mundo Unido é possível e que depende de cada um de nós contribuir para construí-lo. Estou feliz com o trabalho que faço usando Cidade Nova em sala de aula e neste ano conversei com os alunos e com os pais sobre a importância da revista.
Francisco Osvar Martins – Londrina (PR)	Médico em Londrina, também trabalho numa escola para crianças e jovens com deficiência mental e física da Apae - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, em Ibiporã.	Revista Cidade Nova, ano XLI, nº. 7, p. 5, julho de 1999.	A psicóloga da escola me convidou para falar a um grupo de 35 rapazes e moças, a respeito de afetividade e sexualidade e sobre os problemas e perigos aos quais eles estão expostos nessas áreas.(...) deparei com a Revista Cidade Nova de abril passado, mais precisamente com o artigo “Geração quero mais”, que continha depoimentos de adolescentes justamente sobre esses assuntos. Foi como se um facho de luz iluminasse tudo. Entendi como e o que doar àqueles jovens.
Sônia M. de Oliveira – Goiás.	Professora	Revista Cidade Nova, ano XLII, nº. 4, p. 4-5, abril de 2000.	Sempre tive a vontade de vencer, mas me sentia muito desinformada, apesar de fazer cursos de atualização na área em que trabalho ou seja, na pré-alfabetização. Eu não tinha hábito da leitura. Sou assinante da Cidade Nova há três anos e estou muito feliz por isso. (...) Por meio de todos os seus números me mantenho bem informada e graças às reportagens que transmitem grandes valores, estou cursando uma faculdade com muito otimismo (...)

Fonte: Coleção da Revista Cidade Nova - arquivo pessoal de Maria José Dantas

Podemos observar que são várias as maneiras de utilização da revista, como também são vários os profissionais. O médico, o contador, a assessora de comunicação, a professora de língua portuguesa, todos eles são educadores e desenvolvem seus trabalhos, utilizando a revista como um recurso pedagógico.

Alguns se apropriam das informações mais ligadas ao aspecto da reflexão e utilizam a revista nas reuniões, em dinâmicas, como fonte de pesquisa, como subsídio para palestras, etc. Outros, na prática de sala de aula, utilizam para os trabalhos de classe com os alunos.

A representação que se pode perceber com relação ao impresso é de que contribui no aspecto de desenvolver uma consciência crítica. Também de que é um recurso que traz

a informação enfatizando o positivo dos fatos. Apresenta a realidade como ela é, sem sensacionalismo.

A crescente consciência de que o fazer pelo fazer e a priorização do conhecimento pelo conhecimento não respondem à realização do ser humano na sua plenitude tem levado muitos educadores a identificar nos valores evangélicos a grande motivação para superar as tensões e os conflitos que emergem na sociedade e chegam à escola muitas vezes potencializados pela discriminação, pela intolerância e pela fragmentária do homem e da sociedade. (ARAÚJO, 2001, p.40)

Impressos como a Revista Cidade Nova têm impulsionado profissionais comprometidos com a busca do conhecimento a vislumbrar um novo olhar sobre o seu agir pedagógico. Como também tem possibilitado novas dinâmicas em tarefas na sala de aula. Como fruto, o trabalho educacional passa a ter um novo sentido e a História da Educação visualizada por novos parâmetros de análise se constitui cada vez mais um campo cheio de novas descobertas.

É importante salientar que os impressos têm um relevante valor educativo, mesmo aqueles que não são voltados exclusivamente para a área pedagógica. Muitas vezes, esses periódicos se sobressaem justamente pela função educativa que desempenham no espaço escolar.

Sabemos que é imprescindível propiciar ao aluno a possibilidade de ser ator do processo educativo, para que assim ele se sinta responsável pelo cumprimento de tarefas e regras, numa constante ajuda mútua. Desta forma, o trabalho pedagógico utilizando os impressos pode tornar-se uma oportunidade de participar do processo de formação do homem, sujeito de sua própria realização pessoal, pessoa capaz de ser feliz e colaborar na construção de um mundo onde a felicidade seja acessível a todos indiscriminadamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ARAÚJO, Vânia Carvalho de. Sementes de uma Nova educação. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista, SP, vol. 08, outubro de 2001.

BARREIRA, Luiz Carlos (Org). Estudo de Periódicos: Possibilidades para a História da Educação Brasileira. In: MENEZES, Maria Cristina. **Educação, Memória, História: Possibilidades, Leituras**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

BONTEMPI Junior, Bruno. **História da Educação Brasileira**: o terreno do consenso. São Paulo, PUC, 1995. (Dissertação - Mestrado em Educação).

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2005.

CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

FARO, José Antonio. **A Fraternidade na proposta da Revista Cidade Nova e na percepção dos leitores**. São Paulo: USP, 2002.

LUCCAS, Jaime. Escola crise e desafios. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista, SP, vol. 06, junho de 1999.

TIN, Emerson (org.). **A arte de escrever cartas**: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

VILELA, Marize Carvalho. **Discursos, cursos e recursos**: autores da revista Educação (1927-1961). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

#### CARTAS PUBLICADAS:

AGUIAR, Rita. Carta publicada na seção Diálogo com o Leitor. Cidade Nova, ano XL, nº 6, p. 4-5, Junho de 1998.

ERCÍLIA, Maria. Carta publicada na seção Diálogo com o Leitor. Cidade Nova, ano XXXIX, nº. 8, p. 5, agosto de 1997.

EUGÊNIA. Carta publicada na seção Diálogo com o Leitor. Cidade Nova, ano XXXVIII, nº. 3, p. 5, março de 1996.

FERNANDES, José Wilson N. Carta publicada na seção Diálogo com o Leitor. Cidade Nova, ano XLIV, nº. 11, p. 5, novembro de 2002.

MARTINS, Francisco Osvar. Carta publicada na seção Diálogo com o Leitor. Cidade Nova, ano XLI, nº. 7, p. 5, julho de 1999.

OLIVEIRA, Sônia M. de. Carta publicada na seção Diálogo com o Leitor. Cidade Nova, ano XLII, nº. 4, p. 4-5, abril de 2000.